

As agências humanitárias alertaram por vezes para fome em países africanos que não correspondem à definição de "uma fome" utilizada pelos historiadores. Isto porque a subnutrição crónica, apesar de muito grave, não atrai as atenções da mesma forma que uma crise, explica o irlandês Cormac Ó Gráda, autor de uma história da fome no mundo

# QUANDO É QUE UMA FOME É UMA FOME?

Nos últimos anos, aquilo que é muitas vezes apresentado nos media como uma fome nem determinada do país – como aconteceu com o Malawi em 2002, o Níger em 2005, ou a Somália em 2011 – não corresponde exactamente aquilo que os historiadores definem como tal, diz o irlandês Cormac Ó Gráda, autor do livro *Famine: A Short Story*. Há o risco de as organizações de ajuda humanitária que estão no terreno "exagerarem as notícias" para captar as atenções do mundo, alerta o historiador, que veio a Portugal para o seminário Fomes no Passado e no Presente, organizado pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Neste momento, e num futuro próximo, não parece existir o risco de uma fome semelhante a outras que houve no passado – basta lembrar a Grande Fome na Irlanda, em meados do século XIX, provocada por uma doença que atingiu a produção de batata, causando um milhão de mortos, e sobre a qual Ó Gráda escreveu também um livro; ou a Grande Fome

na China provocada pelo efeito conjunto de problemas climáticos e política do Grande Salto em Frente (que pretendia transformar o país numa grande potência industrial, na qual se calcula que tenham morrido mais de 30 milhões de pessoas – e que poderá ser a pior fome de sempre de que há registo).

"O mundo hoje está preparado para evitar desastros", diz o historiador. "Agora, se consegue alimentar toda a sua população, é outra questão." O grande problema, são os elevados níveis de subnutrição que persistem e que continuam a ser muito graves. Ainda esta semana, a organização internacional Save the Children revela que um quarto das crianças do mundo falha na escrita por defeito de alimentação, e alerta para os "danos irreversíveis" da malnutrição crónica no desenvolvimento escolar.

Mas há um factor perverso: a subnutrição é uma condição crónica e as ONG só conseguem atrair ajuda com grandes crises. "Muitas agências que lidam com desastros começaram por ser grupos de pessoas idealistas que dizem: 'Há uma crise na Grécia ou em Gabão, vamos fazer alguma coisa.' Foi assim que começou,

por exemplo, a Oxfam. Inicialmente não tinham qualquer intenção de ser permanentes, mas foram crescendo."

São organizações que estão preparadas para responder a catástrofes, a fomes, terremotos, tsunamis. "Mas têm de pagar as contas, e as fomes não se programam. O que é que se faz? Há uma tendência para exagerar, até, dizem alguns, para inventar crises. Porquê? Porque o público responde de forma muito generosa nas crises."

Ó Gráda dá como exemplo o que se passou no Níger em 2005 – uma situação que hoje surge descrita como de "crise alimentar". "O Presidente acusou as agências internacionais de criar uma fome que não existia. O líder da oposição disse que o Presidente estava a negar um desastre. Tornou-se tudo bastante politizado." A comunicação social avisou que estavam em risco entre 2,5 e 3,5 milhões de pessoas, mas não existiam números sobre a mortalidade, porque a crise foi travada.

Um ano depois, uma equipa de televisão neozelandesa visitou o país e fez um documentário intitulado *The Famine Scam*, onde acusa

várias entidades, entre as quais a BBC, de terem enganado a opinião pública internacional sobre a real situação no país. "Houve uma tensão entre as agências que se dedicam ao desenvolvimento e as que lidam com as crises", explica Ó Gráda. Entre as acusações que foram feitas, surgiu a de "tráfico alimentar" – uma organização neozelandesa suscita de desenvolvimento agrícola denunciar a política de ajudas, argumentando que ela ignora o potencial de alimentos locais e tradicionais, tornando a população dependente da comida vinda do Ocidente. Um dos problemas que surgem nestas situações e que mostra como é complexa a gestão da ajuda é, sublinha o historiador, o risco de "a ajuda alimentar estar a competir com os agricultores locais, que também estão a tentar abastecer os mercados".

Apesar dos avisos de que milhões de pessoas estariam a morrer nos casos do Malawi, do Níger ou da Somália, "quando se fizeram os cálculos, a mortalidade excessiva era muito reduzida", afirma o historiador, referindo-se ao número de mortos (por falta de alimento ou por doenças causadas pela fome) acima da





Afganistão, 2010. Em situações de catástrofes naturais, ou guerra, a gestão da ajuda corre o risco, como diz o historiador irlandês Cormac Ó Gráda, "de estar a competir com os agricultores locais, que também estão a tentar abastecer os mercados".

média habitual num determinado país.

A Etiópia, nos anos 1980, foi talvez "a última fome de proporções bíblicas", com 400 mil vítimas. Depois disso, houve, no trínico da década de 90, uma fome na Somália, mas de menor dimensão (cerca de 200 mil mortos) e num contexto de guerra civil. Quanto à Europa, a última grande fome de que há memória foi na Moldávia em 1946-47, com mais de 200 mil mortes, um número considerável para uma população de cerca de três milhões.

**A**s Nações Unidas apresentaram em 2005 uma definição de "fome". Existe fome num país ou região quando mais de 30% das crianças sofrem de subnutrição e quando se registam essas mortes por dia em cada 10 mil adultos e quatro mortes em cada 10 mil crianças.

Em lugares como a Somália, usou-se esse critério e declarou-se uma fome em 2001 (em algumas regiões), mas na minha opinião o critério não é satisfatório porque em períodos normais na Somália

as taxas de mortalidade infantil já são acima desse limite", argumenta Ó Gráda.

Um dos fenômenos registados na Moldávia, nos anos 40, e que mostra o quão fof dura essa fome foram actos de canibalismo. "Não falo disto por gostar de coisas macabras", diz. "Falo para percebermos como pode ser terrível uma fome e para termos que este tipo de coisas pode acontecer. Temos uma imagem da fome, em grande parte criada pelas ONG, com mãos segurando os filhos nos braços. Mas a verdade é que a fome desperta muitos comportamentos anti-sociais. O canibalismo faz parte desses horrores, e é algo que no passado foi mais comum do que gostamos de imaginar."

Até que ponto é que o canibalismo pode ser uma questão cultural é difícil de responder. "Julgo que poderá haver um elemento cultural. Nas fomes indianas do século XIX, encontrei apenas uma ou duas referências a canibalismo. E nenhuma durante a fome de Bengala, na II Guerra Mundial, na qual morreram dois milhões de pessoas. Pode ter que ver com o facto de ser uma comunidade vegetariana para a qual o tabu de comer carne,

nomeadamente humana, é tão forte que as pessoas preferem morrer. Mas noutros casos esse tabu não é suficientemente forte para impedir uma coisa que consideramos horrível. E isso diz-nos o pouco que sabemos realmente sobre a fome."

Quais são, habitualmente, as causas por detrás de uma grande fome? "Podem ser más colheitas, geralmente em resultado de uma seca. Há organizações que fazem avisos preventivos e o que elas observam são os preços dos mercados, sobretudo dos grãos cereais." Se os preços começam a subir, é lançado o alarme. Importa também estar atento às colheitas, mas para que a situação se torne preocupante é preciso haver duas más colheitas sucessivas. "Falhanços de um ano são muito comuns e as pessoas aprendem a lidar com eles, usando stocks ou alimentos de substituição, ou comprando umas às outras. Há uma série de estratégias de sobrevivência. Mas se se tiver três anos sucessivos de más colheitas é um desastre."

As súbitas subidas de preços dos alimentos provocadas por aumento dos combustíveis associado a outros factores, nomeadamente altos preços – como as que levaram aos mortos no Egipto e noutras partes em 2008/9 – não o preocupam tanto. "Foi muito perturbador na altura, mas não durou muito tempo. Os preços aumentaram rapidamente mas caíram também rapidamente. Preocupar-me-ia menos com isso do que com o impacto do aquecimento global, que me parece mais grave do que se pensava há alguns anos. A questão é: se as temperaturas globais subirem dois ou três graus, qual será o impacto? Não se pode prever com rigor. Tal como não se pode prever de que forma as agências humanitárias vão dar respostas."

Pensar na auto-suficiência alimentar não deve ser um caminho, defende Ó Gráda: "Um país não deve tentar produzir tudo, deve produzir aquilo em que tem uma vantagem comparativa. David Ricardo (economista britânico do século XVIII, autor da teoria da vantagem comparativa) deu como exemplo precisamente Portugal e a Inglaterra e a produção de vinho e tecidos. Portugal era melhor a produzir vinho, enquanto o custo relativo de produzir tecidos em Inglaterra era menor – por isso, ambos deviam concentrar-se no que faziam melhor, e ganhariam mais assim do que se cada um produzisse vinho e tecidos."

Essa especialização em produtos que um país faz melhor do que outros "so pode ser vista como um pequeno mau situação de guerra", afirma. "Num cenário de paz, o melhor para os consumidores é que cada país se especialize naquilo em que é comparativamente melhor. Um país pode aumentar o emprego tornando-se mais auto-suficiente, mas os sectores que estão a exportar vão acabar por perder, e o problema do desemprego mantém-se. Não vejo como é que isso iria ajudar."

Quando se fala de auto-suficiência, o que se está a fazer, diz, é a "manter a comida longe dos produtores pobres em África e na América Latina" e a beneficiar "uma pequena minoria de agricultores europeus". A isto junta-se o problema das alterações climáticas no mundo, "vai haver uma redistribuição dos sítios onde a comida é produzida, vai haver vencedores e perdedores". E no todo, se calhar, "haverá mais perdas do que ganhos".

Por isso, avisa Ó Gráda, é preciso pensar as prioridades. "O mundo está hoje preparado para evitar desastres." O grande problema é a subnutrição. "Se a distribuição da comida fosse feita de uma forma melhor, podíamos livrar-nos de muita dessa subnutrição. Mas isso é muito mais ambicioso do que acabar com uma fome num dado momento numa parte do mundo." Alexandra Prado Coelho